



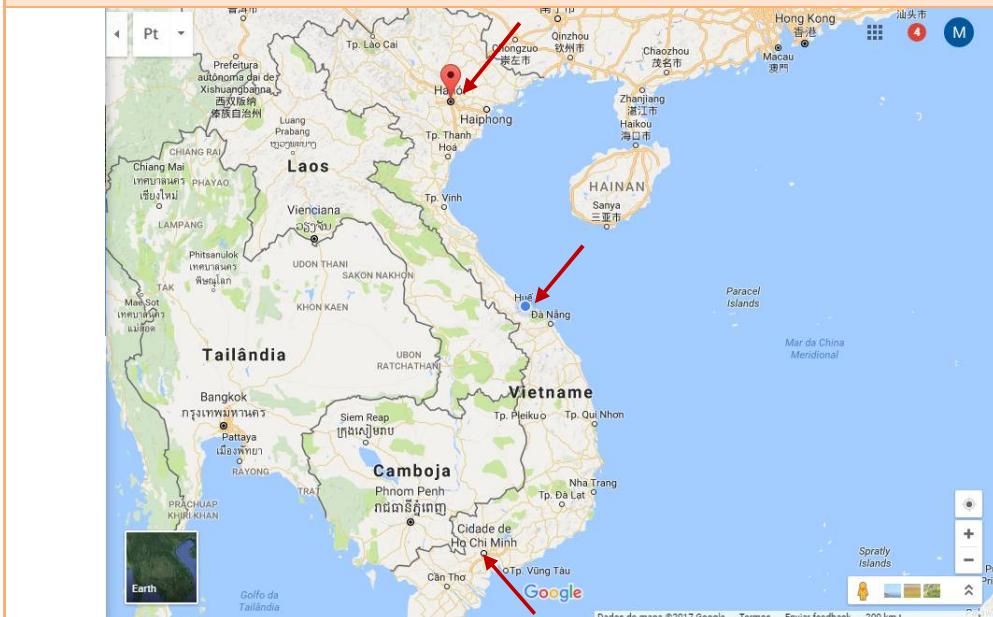
Sudeste Asiático 3

O norte do Vietnã visto a partir de

Hanói

É difícil saber as corretas cifras relativas ao tamanho demográfico do Vietnã e de suas cidades. Quando se consulta a internet, em mais de um site, as informações referem-se a mais ou menos 90 milhões de habitantes no país, 8,5 milhões em Ho Chi Minh, a maior cidade, e 7,5 milhões em Hanói, a segunda maior.

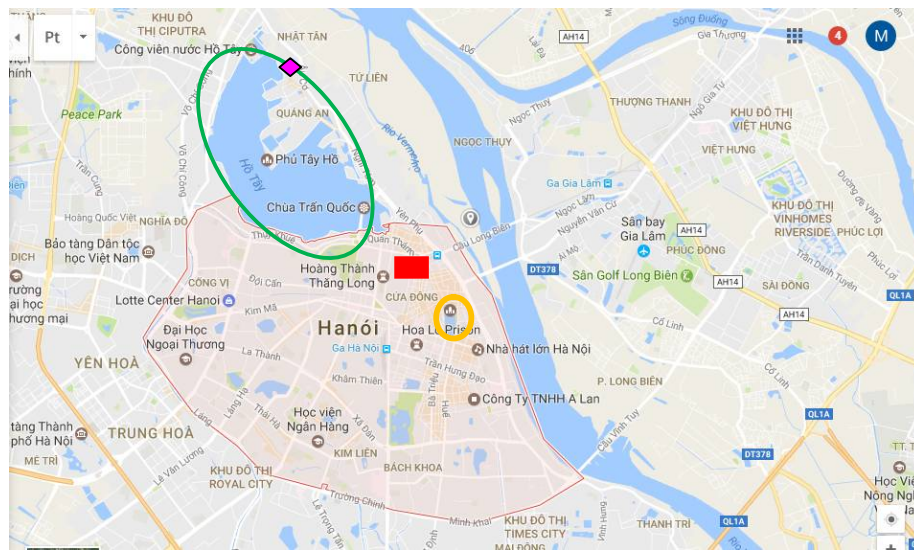
Os guias que nos acompanham no norte do país, onde está Hanói, a capital, no centro, onde se localiza Hue, que foi a capital da última dinastia imperial, bem como na principal cidade do sul, Ho Chi Minh, antiga Saigon, falam de 100 milhões de habitantes no país, nove milhões na capital e 11 milhões na metrópole principal. Acho que, no geral, os autóctones, como no Brasil, têm este hábito de sobrevalorizar seus tamanhos demográficos, como se isto fosse sinal de desenvolvimento, o que é muitas vezes absurdo, basta lembrar que a Suíça não tem nenhuma megacidade. No entanto, pode ser que os indicadores sobre o Vietnã estejam mesmo se alterando rapidamente, porque o país passou e vem passando por mudanças rápidas, e isso leve a diferenças entre os dados oficiais e os divulgados pelos moradores.



A entrada no país, pelo Aeroporto de Hanói, já passa de imediato a impressão de dinamismo pelo número de aviões taxiando, pelo quantidade de empresas representadas e pelo vai e vem de pessoas que pareciam ser provenientes dos quatro campos do mundo. E aqui estamos mais quatro brasileiros chegando! Há muitos viajantes turistas, mas pelos traços fisionômicos é possível supor que parte importante dos que chegam e partem é vietnamita.

O trajeto até o hotel já oferece muitas surpresas, como o grande número de *out doors*, o que eu não esperava num país dito socialista, vários deles com publicidade de marcas bem conhecidas nossas e, inclusive, com garotos e garotas propaganda ocidentais, induzindo ou reforçando o que parece ser o ideal de beleza daqui, no momento em que se ampliam as relações com a economia internacional.

A cidade tem o sítio conformado ao longo do Red River e tem como elemento importante o lago Hô Táy, que é bastante grande (marcado em verde no mapa), mas o mais importante é o lago Hoan Kiem (assinalado com o círculo laranja), em torno do qual se organiza o centro da cidade.



É impressionante o número de pessoas que circulam neste setor da cidade. Os moradores e os turistas andam pelas ruas estreitas da área antiga, em torno do Dong Xuan Market. A gente se sente como se estivesse numa grande feira do Nordeste do Brasil ou, em outros trechos, como se fizéssemos compras na Rua 25 de Março, em São Paulo. Havia pequenas aves cruas, mas também assadas à moda vienamita, o que chamamos no Brasil de “laqueado”; tinha muitas flores à venda e nem se fale sobre a variedade de frutas; mesinhas com comida pronta de todo tipo e mulheres de cócoras ou sentadas em banquinhos que preparam os alimentos nas calçadas; roupas, tanto ocidentais como orientais; vi até uma loja que parecia se preparar para as vendas do que eu supunha que pudesse ser algo o Carnaval, mas

que logo depois verifiquei que são os festejos para a chegada do Ano Novo Lunar, também chamado de Ano Novo Chinês. Quando achei que já tinha visto tudo, deparei-me com uma mulher fazendo o trabalho de manicure em plena rua. No mapa, esta área comercial cheia de vida está localizada onde situei o retângulo vermelho. As fotos que se seguem retratam apenas uma parte da variedade de atividades comerciais e de serviços que tem neste setor da cidade de Hanói, o que pareceu ser, sobretudo, informal e baseado no trabalho familiar.





Também pertinho do lago Hoan Kiem está uma das principais atrações de Hanói – é o Water Puppet Theater. Chegamos com a atencendência recomendada e às 17h30, no pequeno teatro onde a apresentação ocorre, num lago montado no palco, começou a apresentação dos bonecos que representam parte do folclore da vida rural no Vientã. Não me perguntem se eu gostei, porque, após um dia andando sem parar pelos pontos turísticos da cidade e ainda com o corpo funcionando no fuso horário brasileiro, que atualmente significa 9 horas de diferença, mal sentei na poltrona, cai num sono gostoso do qual só acordei na hora das palmas.

Valeu mesmo assim, embora fique aquela sensação de que “difícilmente voltarei a este país e, por isso não verei nunca mais o que perdi hoje”.

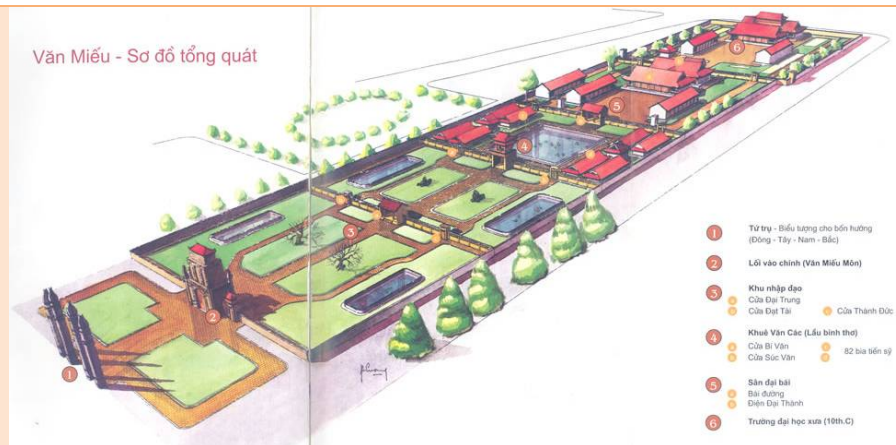
Mais distante da área central, nas proximidades do lago Hô Táy, visitamos o Kim Lien Pagode, que está numa pequena ilha bem pertinho desta grande lâmina de água, o que torna a construção bem graciosa.

É a mesma área em que se localiza o Jardim Botânico, onde estão o Museu que conta a história de Ho Chi Minh; a pequena casa onde ele viveu, construída segundo os princípios da arquitetura de sua região natal; seu Mausoléu e um pequeno pagode erguido sobre um pilar. Do que mais gostei foi da casa dele, edificada em madeira sobre pilares, com uma sala sob a casa onde ele fazia as reuniões principais, na sombra e com ventilação, e no andar sobre os pilares fica o setor privado da residência com singelas, mas muito bonitas venezianas.

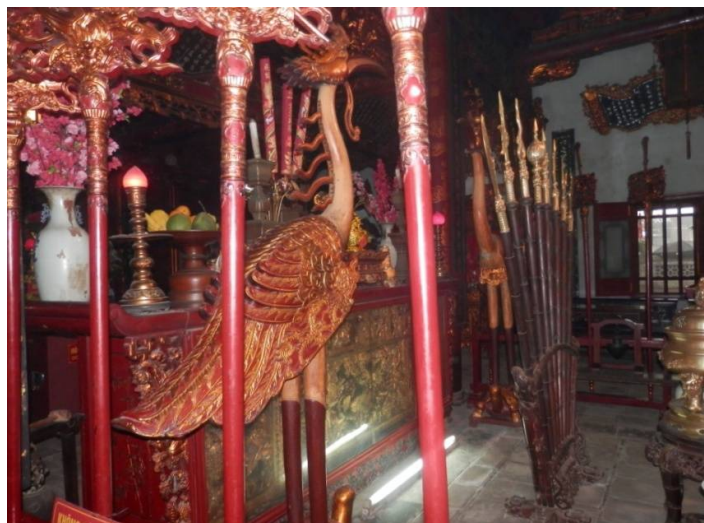
Do que não gostei? Da pesada arquitetura do Mausoléu. Fiquei me perguntando se foi desenho dos arquitetos do período soviético stalinista. Que coisa pesada e de mau gosto! O acinzentado da foto fica por conta da chuva que caía fina, como mostra o guarda chuva azul que o guarda vestido de branco portava. Pintada em amarelo, está a grande construção que foi sede do governo francês durante o período em que dominaram a Vietnã atual, parte do que foi a colônia Indochina.



O Templo da Literatura é uma das visitas mais interessantes a se fazer em Hanói. Trata-se de um grande complexo de edificações e jardins, cuja implantação original é de 1070, por iniciativa da Dinastia Ly, em honra à Filosofia Chinesa de Confúcio. É considerada pelos vietnamitas como a primeira universidade do país e é muito imponente, com suas colunas de madeira laqueadas de vermelho e adornadas em dourado. Hoje, vivem monges neste conjunto de prédios que, atualmente, funcionam como museu para visitação pelos turistas, como templo para os adeptos do confuscianismo e, ainda, como algo que chamari amos no Brasil de um orfanato, pois os monges recolhem crianças sem pais e as iniciam nesta filosofia. Quando perguntamos sobre o futuro destas crianças, nossa guia Luna explicou que eles têm direito a abandonar a religião, quando crescem, mas deu a resposta de um modo pouco convicto e fiquei bastante em d vida sobre o exercício efetivo desta liberdade. É, neste templo, que está a mais pesada estátua do Buda no Vietnã, que foi fundida em 1677 e pesa quatro toneladas.



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-cJYvTC9yeXU/TZ9_eeqJmCI/AAAAAAAAANO/ePQzDM71jJQ/s1600/plano_templo_literatura_hanoi-vietnam.png





As formas de organização do espaço urbano, aqui, são diferentes das que predominam no mundo ocidental. Há um centro, também, mas, por toda a cidade o comércio se estende, sem qualquer separação entre o uso do solo terciário e o residencial, muito ao contrário, sempre as moradias estão articuladas a pequenos negócios familiares, que vão desde a venda de frutas e flores, passando pela de roupas, até chegar às inúmeras oficinas de motocicletas. A arquitetura revela, de modo muito claro, esta forma de estruturação espacial, mostrando tanto esta intrínseca relação entre múltiplas funções da cidade, como o problema da densidade habitacional, pois são edificações que se assentam em terrenos estreitos (algo entre 4 e 5 metros de testada), geralmente com três ou quatro andares e, na parte frontal, está a atividade comercial ou de serviços. Percebe-se que a vida transcorre, sem clara distinção entre espaço público e o privado, tamanha é a frequência de prática de atividades de todo tipo nas calçadas. As fotos não estão muito boas, porque são sempre tomadas a partir da janela do microônibus em movimento, mas elas servem para ilustrar o *habitat* predominante.



Estas fotos também mostram como é a extensão do sistema de eletricidade nas cidades vietnamitas. Pelo que vi, não há uma fiação central que se distribui pelas edificações, mas cada construção tem seu cabeamento que se junta a dezenas de outras tantas e os fios em grande quantidade vão crescendo de poste a poste e parte deles fica solta à espera de novas conexões. Sabem aquilo que chamamos de “gato” no Brasil? Puxar energia para moradias ilegais, em áreas favelizadas ou não, a partir de pontos legalizados? Pois é, parece com isto, mas o que já conhecemos no Brasil é pouco, diante da confusão de fios que observo por aqui.



Confusão mesmo é o trânsito, que se organiza comandado pelos milhões de motos que circulam nas cidades. Uma das nossas guias turísticas, Anita, que nos acompanha em Ho Chi Minh, faz referência a sete milhões de motocicletas circulando pela cidade. É fenomenal: elas circulam com uma, duas, três e até quatro pessoas (pai, mãe e dois filhos), carregam mercadorias para serem vendidas (flores, alimentos etc.), aqueles que voltam do trabalho levam as compras para casa etc. A primeira impressão é que não há transporte coletivo, embora depois se possa, aqui ou ali, ver algum ônibus circulando.

Os motoqueiros não obedecem as normas internacionais de trânsito, ou seja, quando o semáforo abre para o pedestre, significa apenas que você tem o direito de tentar atravessar na faixa, esgueirando-se entre uma e outra, que continua andar e vai sendo conduzida para contornar os que estão a pé. A nossa sorte é que nenhuma delas é dirigida em alta velocidade. Nem todas são efetivamente motocicletas, pois as mulheres geralmente usam o que chamávamos de lambretas, nos anos de 1960/70.

A maior parte delas e alguns homens usam máscaras tapando o nariz e a boca e, segundo nos foi explicado, tanto é para se proteger da poluição, como do sol, pois o

ideal de beleza aqui inclui brancura máxima na pele. A enorme quantidade de veículos motorizados com duas rodas convive com os tuk tuk (à moda hindu, triciclos com bancos à frente, que se aluga para ir de um lugar ao outro, por um dólar) e com bicicletas usadas para transporte ou para comercializar produtos. O resultado é que as calçadas se convertem numa área de transição entre o comércio e os veículos, tanto servindo para se vender e comprar como para estacionar dezenas de motos.





À medida que nos afastamos da área mais densamente ocupada, vemos inúmeras construções. Tanto de anéis viários, como de alguns novos conjuntos residenciais compostos por edifícios de vários pavimentos. O preço da terra em Hanói é muito alto. Foi dito a nós pelo guia que, em torno do lago Hoan Kiem, o metro quadrado construído pode alcançar 15 mil dólares, o que significa cerca de 50 mil reais, em função do valor que este espaço tem para as atividades comerciais, especialmente voltadas ao turismo que me parece ser importante, se não a principal fonte econômica do país.



Mal saímos da cidade em direção à Baía de Halong a leste, encontramos as áreas de plantio de arroz. Na região norte do país, onde as temperaturas baixam um pouco no inverno (chegamos a experimentar 19 graus, num país tropical), há duas colheitas por ano. No sul, o usual são três anuais. Pelo que posso observar, o que predomina, ao menos ao longo das rodovias, é a pequena propriedade familiar. As mulheres parecem trabalhar nos campos tanto quanto os homens. Não vi nenhum traço de estrutura fundiária que denotasse a existência de grandes propriedades, mas é possível que haja, nas áreas mais distantes das grandes cidades. O Vietnã é o

segundo maior exportador de arroz e, no ano de 2016, como houve problemas climáticos na Tailândia, ultrapassou este que é o primeiro do *ranking* mundial.



Carminha Beltrão
Janeiro de 2017